Beatbox é a arte de criar sons usando boca, nariz e a voz (principalmente a voz). É uma expressão musical que surgiu nos anos 1980 nas ruas de nova york pelo movimento hip hop, sendo um dos principais percursores o Doug E. Fresh, rapper americano.

O principal objetivo era fazer sons de batidas de sons musicais sem usar um instrumento físico. Então, naquela época, as pessoas usavam 4 principais sons que são usados até nos dias de hoje, que são:

Bass: Som Grave usando a garganta “voz de robô”

Snare: Som que representa uma caixa

Hi-hat: Como se fossem estalos na língua fazendo o som de ‘ts’

KickDrum: Som com a boca representando uma baqueta, bumbo

O beatbox foi bastante importante na questão de inclusão social e na união de grupos, e com o decorrer do tempo ele evoluiu bastante até chegar nos dias de hoje, aonde a comunidade de beatbox ao redor do planeta está com muitas pessoas, sendo o canal ‘Swissbeatbox’, responsável por organizar e gravar torneios mundiais, o maior canal de beatbox do mundo, com quase 5 milhões de inscritos e tendo um dos seus principais públicos (tanto que fazem beatbox e tanto pessoas que apenas acompanham o cenário) são majoritariamente dos Estados Unidos, Europa, e Ásia.

Apesar do cenário ser, de certa forma, famoso, ainda sim é pouco movimentado e poucas pessoas fora dessa ‘bolha’ conhecem beatbox. Mas, ainda sim, a visão das pessoas sobre essa prática é um pouco equivocada. Geralmente, a visão que se tem é que beatbox é apenas um entretenimento, ou uma diversão; mas não, pessoas dão duro para se tornarem beatboxers famosos e exige muita criatividade para encaixar seus sons em uma estrutura e ritmo musical para agradar o público, e, finalmente conseguirem viver disso. Por isso, o objetivo principal da BeatBoxLife é levar visibilidade às pessoas, para que elas consigam ter sua mente aberta e entender todo o cenário, para assim, mudarem a sua visão e começarem a acompanhar o cenário de beatbox.

O principal torneio, comandado pelo ‘swissbeatbox’, é o Grand Beatbox Battle, que acontece no mês de outubro todos os anos, e dura aproximadamente 3 dias. Nesse evento, beatboxers de todo o mundo vão à cidade que estará hospedando o torneio (Geralmente, Varsóvia na Polônia, em Basel na Suíça, ou Tóquio no Japão). Lá, é feito competições de 1 vs 1 em uma chave de 16 beatboxers, aonde o 1º lugar leva o prêmio de $20.000 dólares e é lá onde os beatboxers podem expressar sua música no palco.

O Grand Beatbox Battle é um evento que existe desde 2009. Desde então, vários beatboxers de todo o mundo buscam participar dessa batalha e serem reconhecidos internacionalmente pelo seu talento. Conforme o tempo foi passando, a sua popularidade foi aumentando, mas foi especificamente, em 2017 que o evento começou a se tornar o que é hoje, com o beatboxer ‘NaPoM’ se tornando um dos principais nomes da cena nessa época e lançando a sua principal música ‘Roll Like This’ feita 100% com a boca, mas com uma dificuldade e criatividade de sons para encaixar numa rotina muito complexa e bem estruturada, ganhando a atenção das pessoas e hoje estando com 21 milhões de visualizações no YouTube.

NaPoM foi um dos percursores da nova geração de beatboxers, que começou a adicionar novos sons fora os 4 princnipais, tal como o *Lip Roll*, que é um som que acontece por meio da rolagem de lábios em um canto específico da boca (esquerdo ou direito), e que com esse som é possível fazer mais de 30 variações diferentes, podendo encaixar de várias formas em um beat.

Mas fora o lado competitivo, o beatbox também pode ser bastante útil no nosso dia a dia. Nós, seres humanos, usamos cerca de 20% da nossa capacidade vocal no nosso dia a dia, o que é muito pouco ainda comparado ao quanto nós nos relacionamos com as pessoas. Apesar de cada som que nós fizemos, cada sílaba que falamos, ser, por incrível que pareça, complexo para a garganta e a nossa voz, nós podemos mais.

Segundo o beatboxer renomado Reeps One, ele fez uma pesquisa para verificar o comportamento do seu cérebro de quando ele começa a fazer beatbox, e foi notado que o cérebro dele reage a como se ele tivesse falando uma língua fluente, isto é, o conforto dele é tão grande em fazer beatbox e é tão natural pra ele essa prática, que o cérebro acredita que ele esteja falando fluentemente a sua língua materna, o inglês. Com isso, nós percebemos que a voz não é só para falar, e sim, para expressar om nosso caráter, identidade... Nós fomos feitos para sermos fluentes com a nossa voz.

Talvez, todo mundo teve curiosidade, quando criança, de fazer sons, mas fomos rapidamente silenciados pelos nossos pais, por estar os incomodando. Porém, e se, invés de mandarmos uma criança ficar quieta, nós não motivamos a curiosidade interna delas e sua paixão de criar sons para ajudar com que elas ultrapassem seus desafios que elas enfrentam no dia a dia?

Por isso, começou a ser pensado: Por que o beatbox não pode ser usado como uma ferramenta para possibilitar e ajudar pessoas mais jovens a falarem? Ou seja, através de uma educação de qualidade, ajudar crianças a falarem e também a se comunicarem.

Então, pegando como base o alfabeto fonético internacional (IPA), especialistas da área da fonética usam esse alfabeto para descrever sons usados nos idiomas. E, olhando ao beatbox, os principais sons identificados são os percussivos, mostrados no começo da documentação, e também os sons fricativos, relacionados a respiração (‘s’, ‘sh’, ‘f’). E toda essa fonética está ligada a voz humana, aonde o beatbox pode ser usado como uma ponte entre a língua e a música, de uma forma que a pessoa esteja o usando para evoluir nas maneiras de usar a sua voz e de falar.

Com essas práticas a terapia de fala fica mais divertida e os jovens irão continuar frequentando esses lugares. Então, por exemplo, quem tem dificuldade com o som ‘p’, pode usar do som do bumbo para aprender e praticar de uma forma dinâmica.

A organização ‘Briding Education & Art Together’ sem fundos lucrativos está começando a fazer isso. Pegando estudantes e frequentando a classe 2 vezes por semana durante 10 semanas, foi constatado que esses mesmos estudantes melhoraram sua articulação em 19% e também a sua consciência fonêmica (que é trabalhar com sons na fala) em 12%. Agora, elas são capazes de ouvir, identificar e manipular sons de uma maneira bem melhor do que antes, ou seja, é possível ver uma oportunidade de crescimento enorme, tratando de jovens especiais, com gagueira, com problema de articulação ou com o som da fala prejudicado.